

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Caio Goretti Pereira

**ATUAÇÃO DO 1º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO SOB COMANDO DO
CAP PLÍNIO PITALUGA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E OS
REFLEXOS PARA A DOCTRINA DA CAVALARIA BRASILEIRA**

**Resende
2019**

Caio Goretti Pereira

**ATUAÇÃO DO 1º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO SOB COMANDO
DO CAPITÃO PLINO PITALUGA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E OS
REFLEXOS PARA A DOCTRINA DA CAVALARIA BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Academia Militar das Agulhas Negras
como parte dos requisitos para a Conclusão
do Curso de Bacharel em Ciências Militares,
sob a orientação do 1º Ten Cav Fernando
Teixeira Koch.

Orientador: Fernando Teixeira Koch

**Resende
2019**

Caio Goretto Pereira

**ATUAÇÃO DO 1º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO SOB COMANDO
DO CAP PLINO PITALUGA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E OS
REFLEXOS PARA A DOCTRINA DA CAVALARIA BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Academia Militar das Agulhas Negras como parte dos requisitos para a Conclusão do Curso de Bacharel em Ciências Militares, sob a orientação do 1º Ten Cav Fernando Teixeira Koch.

Aprovado em ____ de _____ de 2019:

Banca examinadora:

Fernando Teixeira Koch – 1º Ten Cav
(Orientador)

Carlos Roberto Peres- Cel Refm

Rafael Roesler -Cel Eng

**Resende
2019**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por fazer parte do Exército Brasileiro, uma das instituições com maiores percentuais de credibilidade do Brasil. Possui papel primordial na condução do nosso país e eu tenho orgulho de fazer parte.

À minha família e à minha namorada, por todo o apoio e incentivo durante os cinco anos de formação, por acreditarem em mim e pela compreensão e paciência nos inúmeros momentos de ausência. Agradeço principalmente aos meus pais, Alexandre Maximiano Pereira e Flávia Estevão Gorete Pereira, pelo incansável e irrestrito apoio na busca desse sonho.

Ao Cel Refm Inf José Messias de Britto Filho, por me auxiliar na estruturação do meu trabalho de conclusão de curso e do artigo de opinião feito em 2018, apontando inúmeras oportunidades de melhorias.

Ao 1º Ten Cav Fernando Teixeira Koch, pela disponibilidade demonstrada e por me orientar na parte final desse trabalho de conclusão de curso.

A todos os meus amigos, por me ajudarem no meu crescimento técnico-profissional.

Dedico este trabalho à minha família e a meus amigos que estiveram comigo durante o ano na Escola Preparatória de Cadetes do Exército e os quatro anos de formação na Academia Militar das Agulhas Negras.

RESUMO

PEREIRA, Caio Goretti. **A ATUÇÃO DO 1º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO SOB COMANDO DO CAP PLÍNIO PITALUGA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E OS REFLEXOS PARA A DOCTRINA DA CAVALARIA BRASILEIRA.** Resende: AMAN, 2019. Monografia.

O presente estudo versa sobre a atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento na Segunda Guerra Mundial, tendo uma participação expressa e efetiva. Em 1943, foi criada Força Expedicionária para combater na Segunda Guerra Mundial composta por 25334 homens e diversas unidades. Entre as diversas tropas, destaca-se o 1º esquadrão de Reconhecimento, única tropa de Cavalaria do Exército Brasileiro a atuar nessa guerra. A pesquisa teve por objetivo verificar as dificuldades encontradas pelos militares durante a seleção do pessoal e durante a Guerra propriamente dita. Também foi alvo da pesquisa a inserção do esquadrão na guerra, a análise da sua criação e a preparação. Para isso, foi executada uma revisão bibliográfica sobre o tema, onde foi constatado que embora o Exército não tenha tido tempo suficiente para selecionar e especializar seus soldados para a condução das viaturas blindadas, o esquadrão logrou êxito nas mais diversas missões que lhe foram impostas. Trata-se, portanto, de um estudo que visa compartilhar as experiências da única tropa de Cavalaria em solo italiano, ressaltando os acertos e erros que virão a ser levados em conta para o novo método de atuação da Cavalaria.

Palavras-chaves: Segunda Guerra Mundial, 1º Esquadrão de Reconhecimento, Cavalaria Brasileira e Força Expedicionária.

ABSTRACT

Pereira, Caio Goretti. **THE ATTENTION OF THE 1st RECONNAISSANCE SQUADRON UNDER THE CAP PLINIO PITALUGA COMMAND IN THE SECOND WORLD WAR AND THE REFLECTIONS FOR THE DOCTRINE OF THE BRAZILIAN CAVALRY.** Resende: AMAN, 2019. Monograph.

The present study deals with the performance of the 1st Reconnaissance Squadron in World War II, with an express and effective participation. In 1943, the Expeditionary Force was created to fight in World War II composed of 25334 men and several units. Among the various troops, the 1st Squadron of Reconnaissance, the only Brazilian Army cavalry troops to act in this war, stands out. The research aimed to verify the difficulties encountered by the military during personnel selection and during the War itself. Also the research was the insertion of the squadron in the war, the analysis of its creation and the preparation. For this, a bibliographical review was carried out on the subject, where it was found that although the Army did not have enough time to select and specialize its soldiers to conduct the armored vehicles, the squad succeeded in the most diverse missions that were imposed on it. It is, therefore, a study that aims to share the experiences of the only Cavalry troupe on Italian soil, highlighting the correctness and errors that have come to be taken into account for the new method of performance of Cavalry.

Keywords: World War II, 1st Reconnaissance Squadron, Brazilian Cavalry and Expeditionary Force.

LISTA DE ABREVIATURAS

Cia	Companhia
FEB	Força Expedicionária Brasileira
II GM	2ª Guerra Mundial
Cav	Cavalaria
EUA	Estados Unidos da América
Vtr	Viatura
1ª DIE	1ª Divisão de Infantaria Expedicionária
Esqd	Esquadrão

LISTA DE FIGURA

FIGURA 1 – Anexação da Tchecoslováquia e invasão à Polônia.....	16
FIGURA 2 – Comandantes do 1º Esquadrão de Reconhecimento.....	19
FIGURA 3 – Viatura M-8 Greyhound.....	20
FIGURA 4 – Jeep ¼ Ton.....	21
FIGURA 5 – Half Track do 1º Esquadrão de Reconhecimento.....	21
FIGURA 6 – Organização do V Exército – Comandado pelo Gen Mark Clark.....	26
FIGURA 7 – Eixo de progressão aliado.....	27
FIGURA 8 – Roteiro da FEB e do 1º Esquadrão de Reconhecimento.....	29
FIGURA 9 – Rendição da 148ª Divisão Alemã.....	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	OBJETIVOS.....	11
1.1.1	Objetivo geral	11
1.1.2	Objetivos específicos	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1	REVISÃO DA LITERATURA.....	13
3	A CAVALARIA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	15
3.1	ANTECEDENTES DO PROBLEMA	15
3.2	INSERÇÃO DA FEB NA 2ª GUERRA MUNDIAL.....	17
3.3	CRIAÇÃO DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO	18
3.4	PREPARAÇÃO DO ESQUADRÃO	19
3.5	EMPREGO DO 1º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO	23
3.6	OFENSIVA DA PRIMAVERA.....	30
3.7	FIM DA GUERRA.....	32
4	REFERENCIAL METODOLÓGICO E PROCEDIMENTOS	34
4.1	TIPOS DE PESQUISA	34
4.2	PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	34
5	RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS	35
6	CONCLUSÃO	37
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa a ser realizada tratará da atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento sob o comando do Capitão Plínio Pitaluga na Segunda Guerra Mundial e os reflexos para a doutrina da Cavalaria Brasileira.

Em 1943, o Brasil formou uma divisão de exército para lutar na Europa, conhecida como 1ª Divisão de Infantaria do Exército (DIE). Assim, o esquadrão de cavalaria estava subordinado a essa divisão. A 1ª DIE foi incorporada ao V Exército norte-americano. Essa foi a cadeia de comando das tropas brasileiras na Segunda Mundial (1ª DIVISÃO DE EXÉRCITO, 2016).

Durante a Segunda Guerra, a FEB necessitou de uma tropa para realizar operações de reconhecimento, de segurança, ofensivas ou defensivas. Para isso, utilizou o Esquadrão de Cavalaria, uma unidade de pronto emprego apta a realizar esse tipo de operações.

A Cavalaria, geralmente, era a primeira a travar o primeiro contato com inimigo, por isso atuou de diversas formas frente a este último. Nessas ocasiões, tiveram que se engajar no combate, cumprir sua missão e muitas vezes com efetivo muito menor do que a força oponente que já estava esperando pela tropa brasileira.

Esta pesquisa justifica-se para aprender com os erros do passado, aprimorar a doutrina da Cavalaria Mecanizada e exaltar os feitos dos bravos soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Além disso, saber sobre o papel da Cavalaria da FEB e as consequências dessas atuações que foram de grande importância e efetividade.

A vida e obra de diversos brasileiros que são extenuamente apresentadas como atos de heroísmo e exemplos a serem seguidos. Entre eles estão Marechal Luís Osório, Luiz Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias), Marechal Cândido da Silva Rondon, Gen Plínio Pitaluga, Rosa da Fonseca e Marechal Deodoro da Fonseca que deixaram uma sombra de valores que nos norteia até hoje e é um orgulho que cativa todas as gerações.

Porém, o que há na sociedade é uma crise de valores enraizados. Não se percebe mais o culto às premissas básicas, a nossa Bandeira Nacional, ao Hino Nacional e a nossa trajetória para chegarmos até aqui. Um exemplo prático disto é o reconhecimento do heroísmo de nossos pracinhas pelas crianças italianas que cantavam a canção da FEB, demonstrando mais respeito à memória da FEB do que a maior parte da sociedade brasileira.

Assim, com o intuito de enaltecer e recordar nosso vitorioso passado escolhi esse tema para realizar o trabalho de conclusão de curso. Tema esse que abrilhanta uma das mais belas

páginas da História Militar e busca, nas ações do Capitão Pitaluga aperfeiçoar a doutrina do Esqd C Mec.

O tema “A atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento durante a Segunda Guerra Mundial” possui grande importância para a História Militar do Brasil, pois foi uma experiência em uma guerra de amplo aspecto, vivida fora do continente, utilizando materiais desconhecidos até então pela Cavalaria, que trouxe grandes modificações para o Exército Brasileiro.

É importante analisar a Segunda Guerra Mundial, pois foi a última guerra convencional em que a Cavalaria atuou, evidenciando a necessidade de um estudo para observar a eficiência da cavalaria em combate.

Delimitamos o foco da pesquisa à atuação do Esquadrão de Reconhecimento e os reflexos para a Cavalaria atual.

O objetivo do trabalho é realizar a análise das ações do Esquadrão de Cavalaria no continente europeu, mostrar alguns pontos positivos e oportunidades de melhorias e destacar os ensinamentos colhidos pós-guerra.

As principais fontes foram livros que relatam a Segunda Guerra Mundial com ênfase na cavalaria, principalmente, os livros que relatam passagens sobre o comando do Cap Plínio Pitaluga, consulta a sites da internet, relatos de ex-combatentes, obras bibliográficas e documentos relativos à 1ª DIE.

A presente monografia está assim estruturada em cinco capítulos:

- o primeiro capítulo trata da introdução com a apresentação do tema, abordando sua importância e aspectos iniciais;
- o segundo capítulo traz o referencial teórico e uma revisão da literatura;
- o terceiro capítulo traz os antecedentes do evento que posteriormente inseriu a Força Expedicionária Brasileira na guerra, a criação e a preparação da subunidade para o combate e o estudo detalhado dos principais embates da tropa na guerra;
- o quarto capítulo traz o referencial metodológico e procedimentos;
- o quinto capítulo traz os resultados e análise dos dados obtidos durante o estudo;
- o sexto e último capítulo apresenta uma conclusão do estudo realizado, sendo destacadas as principais mudanças após o término da guerra.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivos gerais

O objetivo geral deste estudo consiste em apresentar os reflexos para a doutrina de emprego do Esquadrão de Cavalaria Mecanizado, baseado na atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento, durante a Segunda Guerra Mundial.

1.1.2 Objetivos específicos

- Descrever o papel da Força Expedicionária Brasileira. A FEB estava incorporada ao 5º Exército Norte-Americano e atuou na Itália durante a 2ª Guerra Mundial;
- Analisar a atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento. O Esquadrão (Esqd) fazia parte da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária e atuou conforme as orientações dos seus escalões superiores;
- Analisar a atuação do Cap Plínio Pitaluga no teatro de operações europeu, buscando as inovações e o aperfeiçoamento da doutrina de emprego do esquadrão;
- Apresentar os reflexos para a doutrina de emprego do Esquadrão de Cavalaria Mecanizado baseado na organização e emprego do Esquadrão e na atuação do Capitão Pitaluga.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O tema de pesquisa está inserido na linha de pesquisa História Militar do Brasil e na área de estudo da participação do Brasil na II Guerra Mundial.

Será abordado durante o trabalho seus aspectos de metodologia e de fundamentação teórica. O objetivo da pesquisa consiste em analisar o emprego da Cavalaria na linha de frente.

Pretende-se realizar uma pesquisa do tipo bibliográfica e documental por conta de se tratar de uma investigação sobre a atuação da cavalaria na 2ª GM.

2.1 REVISÃO DA LITERATURA

Buscando identificar o que de mais relevante e atualizado tem sido produzido sobre o tema da atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento em solo italiano, pesquisamos alguns autores dentre eles: o próprio comandante do esquadrão Gen Pitaluga, Gen Meira Mattos, Coronel Amerino Raposo e Gen Rubens Restel.

A maior parte dos historiadores brasileiros reconhecem e se orgulham pelos feitos dos nossos antepassados na II Guerra Mundial. A trajetória da nossa tropa foi ampla e diversificada, por isso há tantos livros que discorrem sobre o assunto. Porém, uma dificuldade encontrada foi a falta de livros que não pormenorizavam a preparação, o deslocamento, atuação e o regresso das frações abaixo do nível Divisão.

Com o objetivo de nortear o trabalho e seguindo o que foi verificado na revisão da literatura, foi formulada uma pergunta que deverá ser respondida ao final do trabalho. Assim, é oportuno problematizar a questão: como o 1º Esquadrão de Reconhecimento, sob o comando do Capitão Pitaluga, na II GM contribuiu para a evolução da doutrina de emprego do Esquadrão de Cavalaria Mecanizado?

A pergunta é importante para que se possa delimitar o foco da pesquisa. Para responder essa pergunta é necessário observar o que ocorreu na prática na Itália e trazer para o Brasil as dificuldades e ensinamentos colhidos. Dessa forma, para retificar ou ratificar a proposta, foram estudados dados importantes para, posteriormente, realizar uma análise dos dados.

A fim de responder essa questão foram adotados os seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica em livros contidos na Biblioteca da AMAN e na Biblioteca Digital do Exército e na internet sobre a criação da FEB e a atuação do 1º Esquadrão de reconhecimento; separado os textos que continham somente dados confiáveis; por último, uma análise qualitativa das batalhas do 1º Esquadrão de Reconhecimento.

Para entender melhor a atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento durante a Segunda Guerra Mundial é necessário lembrar os antecedentes históricos e os motivos que levaram o Brasil a entrar na guerra.

3 A CAVALARIA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

3.1 ANTECEDENTES DA GUERRA

A Segunda Guerra Mundial foi o conflito militar mais letal da história mundial e ocorreu no período compreendido entre 1939 e 1945. Situando no espaço, a guerra aconteceu no continente europeu, africano, asiático e houve um ataque nos EUA, Pearl Harbor. Quase todas as nações se envolveram nesse conflito diretamente ou indiretamente. Foi a maior guerra da história, com mais de 100 milhões de militares e acarretou cerca de 70 milhões de mortos, a maior parte civis (COGGIOLA, 2015).

Foram organizadas duas alianças militares: Eixo e Aliados. O Eixo era composto por: Itália, Japão e Alemanha. Os aliados: França, Grã-Bretanha, União Soviética, entre outros. A guerra foi marcada pelo grande número de mortos civis e a única vez que armas nucleares foram utilizadas em combate (SAVIAN, 2015).

Houve uma grande dedicação dos países envolvidos para desenvolver o setor bélico, industrial, econômico e científico por conta da iminência da guerra e porque nenhum país queria começar a guerra em desfasagem ao inimigo. Além disso, cada nação, da sua maneira, tentava atrair outros países para fazer parte da sua aliança. Assim, as potências tentaram se desenvolver o mais rápido possível e conseguir o apoio de outros países que no primeiro momento não queriam tomar partido.

Para muitos historiadores, o estopim foi a invasão da Polônia em 29 de Setembro de 1939 pela Alemanha, sem uma declaração de guerra. Os alemães tentavam promover o expansionismo alemão, conquistando o território perdido após a Primeira Guerra Mundial. (SILVA, 2017)

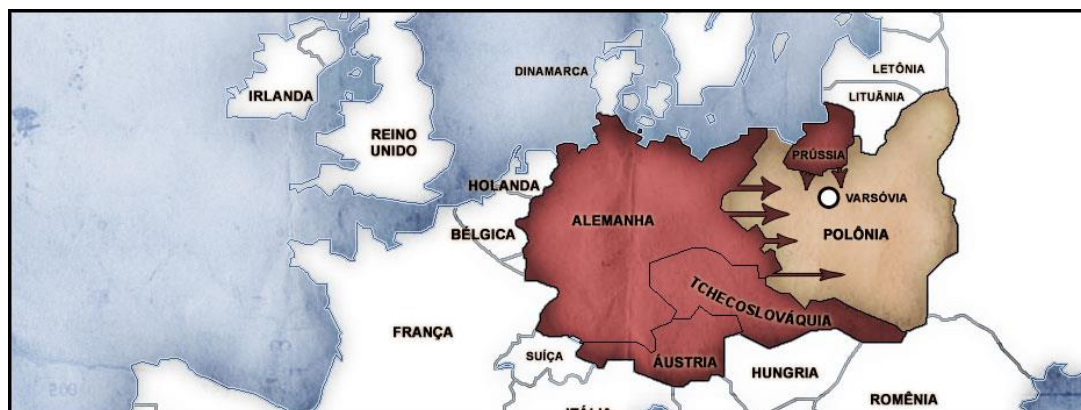
Após a Primeira Guerra Mundial, que culminou com a derrota alemã, o país passou por uma forte crise decorrente do Tratado de Versalhes. Esse tratado culpou a Alemanha pela guerra, forçou seu desarmamento e a perda de suas colônias. Dessa maneira, iniciou o declínio da economia alemã. A profunda crise pela qual o país passava aumentou o sentimento de revanchismo, o sentimento de culpa dos judeus pela crise e a ideia de superioridade do povo alemão. No meio dessa crise, surgiu um homem chamado Adolf Hitler. Hitler nasceu na Áustria em 20 de abril de 1889, foi líder do Partido Nazista e ganhou o apoio popular devido as suas ideias radicais. Ele pregava a teoria do espaço vital, defendia a unificação do povo alemão e estimulava o sentimento de retomar os territórios perdidos após essa guerra (LACERDA; SAVIAN, 2015).

Outros países que seguiam a linha de Hitler eram a Itália e o Japão. Na Itália, o Partido Fascista liderado por Benito Mussolini possuía fortes poderes ditatoriais, grandes objetivos militares e expansionistas. O Japão, liderado por Hirohito, também tinha o foco na militarização japonesa e na expansão dos domínios para territórios e ilhas vizinhas. Esses três países alinhados ideologicamente formaram então o Eixo (ANDRADE, 2011).

O Nazi fascismo ganhou força na Europa, principalmente com Hitler na Alemanha e Mussolini na Itália. Os dois aproveitaram o período de apaziguamento da Inglaterra e França e desenvolveram um projeto expansionista. No entre guerras, a Alemanha anexou o Sarre, a Áustria, os Sudetos e Memel (era proibido pelo Tratado de Versalhes). Mesmo sabendo que ela estava passando por cima das normas do Tratado de Versalhes, seus vizinhos não tomavam nenhuma medida em represália. Acreditavam na cláusula que a Alemanha não iria mais invadir nenhum país da Europa. Em 1935, o líder alemão disse que iria rearmar o país e retornar com o serviço militar obrigatório que também estava proibido pelo mesmo Tratado (LACERDA; SAVIAN, 2015).

Em 1939, Alemanha ocupou a Tchecoslováquia na parte do território ocupada pelos tchecos, enquanto os eslovacos organizavam seu próprio Estado tutelado pelos alemães. Isso gerou fortes tensões em toda Europa, mas a Liga das Nações não adotou nenhuma medida para conter os alemães. Mais tarde, os alemães invadem a Polônia e imediatamente Inglaterra e a França declaram guerra à Alemanha e assim inicia-se a Segunda Guerra Mundial. Em 1941, após uma tentativa de expandir seu território para a América e sua autossuficiência econômica, o Japão bombardeia a base naval americana de Pearl Harbor, nas ilhas do Havaí, com a finalidade de destruir toda frota americana do Pacífico (LACERDA; SAVIAN, 2015)

Figura 1- Anexação da Tchecoslováquia e invasão à Polônia



Fonte: <http://noticias.terra.com.br/educacao/infograficos/segunda-guerra/inicio-ofensiva.htm>

O ataque do Japão foi insatisfatório, pois não cumpriu seus principais objetivos. O ataque destruiu 188 aviões, matou 2.500 marinheiros e danificou muitos navios. Embora tenha atingido diversas embarcações, não destruíram os navios aeródromos norte-americanos Enterprise, Lexington e Saratoga que se encontravam realizando manobras fora da ilha. A partir desse momento, os EUA entraram na guerra do lado dos aliados (SAVIAN, 2015).

Outro motivo da entrada dos EUA na 2ª GM foi a comprometimento do continente americano com a Carta do Atlântico (compromisso em que seus signatários deveriam estar alinhados automaticamente a qualquer país do continente americano que estivesse sendo atacado por uma potência extracontinental).

A represália alemã à não observação da neutralidade brasileira manifestou-se em ataques feitos pelos submarinos do Eixo (alemães e italianos) a navios mercantes brasileiros, a partir de fevereiro de 1942, com a finalidade de interromper o transporte marítimo entre o Brasil e países do Atlântico Norte, especialmente, os EUA. (CERVO; BUENO, 2002, p. 240).

Após esse episódio, o Brasil saiu da imparcialidade e declarou guerra aos países do Eixo. Passou a contribuir então com ações políticas, econômicas e militares.

3.2 INSERÇÃO DA FEB NA 2ª GUERRA MUNDIAL

O General Eurico Gaspar Dutra, ministro da guerra, ordenou a criação de uma divisão de infantaria expedicionária, a 1ª DIE, para lutar ao lado dos aliados. A divisão foi criada a partir da Portaria Ministerial nº 47-44 de 09 de agosto de 1943 foi assinada pelo General Dutra.

A divisão era composta por quatro grupos de Artilharia, três Regimentos de Infantaria, um Batalhão de Engenharia, um esquadrilha de aviação, um Esquadrão de Reconhecimento e uma Cia de transmissão em um total de aproximadamente de 25.300 homens, dos quais 15.000 compunham a frente combatente (SALAFIA, 2018).

A primeira fase do treinamento ocorreu apenas em maio de 1944, um ano após a portaria nº47-44. Essa demora foi decorrente da falta de pessoal, material e da doutrina francesa que estávamos acostumados. Uma das principais dificuldades da Divisão foi a organização de toda uma divisão em curto prazo. Às vésperas do embarque, 20% do efetivo foi reprovado na inspeção médica devido a doenças sexualmente transmissíveis, viroses, infecções, entre outros. Assim, esses militares já treinados foram substituídos por outros sem qualquer preparo prévio. Além disso, havia déficit de pessoal qualificado em atividades fundamentais como eletricitista, mecânicos, radiotelegrafistas e consertadores de rádio (PITALUGA, 1947).

O Capitão Pitaluga, comandante do Esquadrão de Reconhecimento, afirmou: “Uma revisão de estado sanitário da Unidade afastou 20% do efetivo. Esse claro foi preenchido, na véspera do embarque, por elementos do Depósito de pessoal da F.E.B.”

O Brasil estava inserido dentro do contexto da doutrina militar francesa. Essa doutrina foi considerada ultrapassada para o combate da época e então foi assinado um termo de cooperação com os EUA. Dessa maneira, oficiais brasileiros foram para os EUA estudar, entender e trazer a doutrina militar americana para o soldado brasileiro. Os norte-americanos pressionavam pela padronização das armas que seriam empregadas em combate. Ao Brasil ficou incumbido o calibre 105 mm e 155 mm, calibres esses que o país não possuía em seu arsenal e tiveram que ser distribuídos pelos próprios americanos (ABREU, 1947).

Assim, um dos maiores desafios para a FEB foi o entendimento e aprendizado dos armamentos dos EUA. Até esse momento, o Exército era baseado na doutrina de combate francesa. Após decidir o apoio pelos Aliados, foram firmados acordos e transferência de materiais bélicos para o Brasil. Com a finalidade de modernizar o nosso Exército, oficiais realizaram cursos e estágios nos EUA (PITALUGA, 1947).

Em particular no Esquadrão de Reconhecimento, os brasileiros não tinham conhecimento dos fundamentos de reconhecimentos mecanizados. Viu-se a necessidade de tradução de manuais americanos para conhecer essa nova metodologia de batalha. Entre eles, destacamos o “Efetivo e Dotação de Material para o Esquadrão de Reconhecimento - Tipo Força Expedicionária Brasileira”, onde são abordados a doutrina, organograma de todas as funções, composição, efetivo ideal e todo o material mínimo previsto para aparelhar um Esquadrão inteiro (PITALUGA, 1947).

3.3 CRIAÇÃO DO ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO

A Força Expedicionária Brasileira foi criada em 9 de agosto de 1943 pela Portaria Ministerial nº 4744 após Getúlio Vargas declarar guerra aos países do Eixo no ano anterior. A FEB foi composta pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e estava subordinada ao V Exército Americano.

A tropa de Cavalaria que foi empregada na 1ª DIE foi oriunda do 2º Regimento Moto-Mecanizado, sediado no Rio de Janeiro. O 3º Esquadrão de Reconhecimento e Descoberta do 2º Regimento foi designado para o cumprimento da missão. O Esquadrão passou a ser uma Unidade com autonomia administrativa, passou a se chamar 1º Esquadrão de Reconhecimento e, em 9 de fevereiro de 1944, foi incorporado a 1ª DIE (SAVIAN, 2017).

3.4 PREPARAÇÃO DO ESQUADRÃO

O primeiro comandante foi o Capitão Flávio Franco Ferreira, que comandou desde a sua criação até 29 de dezembro de 1944, quando teve que se afastar por motivos de saúde. A partir de então, seu Subcomandante, o então Tenente Plínio Pitaluga foi promovido a Capitão e passou a comandar o Esquadrão até o fim da guerra (VITAL, 2017).

Figura 2 - Comandantes do 1º Esquadrão de Reconhecimento



Cap Flávio Franco Ferreira



Cap Plínio Pitaluga

Fonte: Museu Capitão Pitaluga, 2018

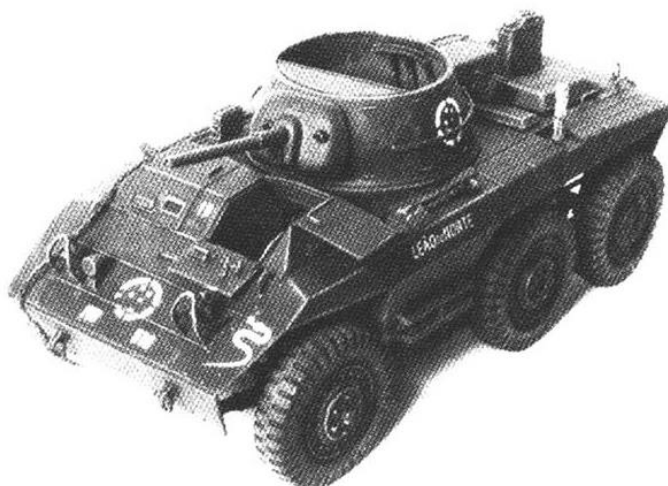
O Esquadrão combateu de acordo com a doutrina estadunidense. Assim, a tropa de cavalaria deixou de lado os cavalos e passou a se especializar nas viaturas motorizadas. Era constituído por três Pelotões de Reconhecimento, um Pelotão de Comando e um Pelotão de Administração (OLIVEIRA, 2011).

“O efetivo previsto era de 7 oficiais e 149 praças (comandantes de fração, atiradores, motoristas, radio-operadores, mecânicos, entre outros). A dotação de armamento prevista era de 100 carabinas .30”, 26 fuzis .30”, 31 metralhadoras .30”, 3 metralhadoras .50”, 9 morteiros de 60 mm, 30 metralhadoras de mão .45”, 13 canhões de 37 mm, 41 lança-granadas e 5 lança-rojões 2.36”. Em relação às viaturas, previa-se contar com 24 viaturas de ¼ toneladas, 1 viatura de 2½ toneladas, 5 viaturas ½ lagartas e 13 blindados leves sobre rodas M8.” (SAVIAN, 2017, p.3).

O efetivo, mais tarde, foi aumentado para 180 homens e foram recebidas mais duas Vtr M-8 Greyhound. A viatura M-8 Greyhound era o meio nobre do Esquadrão. Os M-8 possuíam um canhão 37 mm e uma metralhadora .30. Tinham como característica a alta mobilidade, baixa silhueta (2,25 m de altura apenas), elevada potência de fogo e era capaz de

percorrer longas distâncias em rodovia de 320 a 560 km e no campo de 100 a 492 km. Eram vulneráveis a minas e armas anticarro e tinham dificuldade em manobrar em áreas pequenas. O Esquadrão possuía também o Jeep ¼ Ton e a viatura HALF – TRACK M-3 A-1 (BASTOS, 2016).

Figura 3 - Viatura M-8 Greyhound



Fonte: Museu Capitão Pitaluga, 2018

“Eram armados com um canhão 37 mm e duas metralhadoras .30, sua blindagem variava de 0,8 a 1,5cm de espessura, guarnição de quatro homens, não muito confortável, mas confiáveis. Suas dimensões eram: 5 m de comprimento, 2,54m de largura e 2,25m de altura, com peso total de 7,8 toneladas, impulsionados por um motor a gasolina Hércules JXD, de seis cilindros, 110HP, velocidade máxima de 90 km/h, autonomia de 565km, com capacidade de 261 litros de combustíveis.” (BASTOS, 2016, p.29).

O Greyhound foi um veículo muito importante para o desenvolvimento militar brasileiro, pois deu ao nosso exército a primeira experiência prática na utilização de viaturas blindadas em combate além de também contribuir para o desenvolvimento da indústria bélica nacional (LANDGRAF, 2015).

Figura 4 - Jeep ¼ Ton

Fonte: Museu Capitão Pitaluga

Segundo a ficha técnica do Jeep ¼ Ton, ele possui 3,3m de comprimento, 1,6m de largura, peso total de 1,04 toneladas, motor de 54HP, velocidade máxima de 105 km/h, destinado a transporte de cargas leves e pessoal com a guarnição de até quatro homens.

Figura 5 - Half Track

Fonte: O Autor, Alameda dos Blindados no 15º R C Mec - Rio de Janeiro, RJ

A Half Track é uma semilargata, do tipo VBTP (viatura blindada de transporte de pessoal), com capacidade de transportar até 10 homens, blindagem de 6 a 12 mm, velocidade máxima de 72 km/h, autonomia de 282 km, armamento principal é uma metralhadora Browning M2 de 12.7 mm e o secundário é uma metralhadora Browning M1919 de 7.62mm (BASTOS, 2016).

Os Pelotões de Reconhecimentos eram divididos em três patrulhas com 3 carros cada. Cada patrulha era composta por 1 M-8 e 2 Jeep ¼ Ton no qual um conduzia a metralhadora .30 e o outro o morteiro 60mm (ANDRADE, 2011).

O 1º Esquadrão de Reconhecimento iniciou sua preparação para guerra no início de 1944 com o auxílio de um oficial americano.

Em 9 de fevereiro de 1944, o 1º Esquadrão de reconhecimento foi incorporado a 1ª D.I.E. e a 11, deslocou-se para a região de Barra de Guaratiba onde realizou o 1º acampamento, visando principalmente o melhoramento do estado físico. Um oficial do Exército Americano, da reserva, foi designado para permanecer adido ao Esquadrão, orientando o emprego e manutenção do material de origem americana. (PITALUGA, 1947).

O treinamento das tropas brasileiras foi dividido em dois. Uma fase no Brasil e a outra em solo Europeu. A primeira fase iniciou mesmo sem contar com todo o material previsto, porque esses materiais seriam entregues já na Europa. Uma grande dificuldade foi a seleção do pessoal, pois não tinha pessoal especializado. Assim, foram convocados oficiais R-2 com pouca experiência para serem comandantes de pelotões (PITALUGA, 1947).

Também havia deficiência nos trabalhos elementares, como motorista, atiradores, rádios operadores, eletricitista, mecânico, entre outros. Durante esse fase, foi dado ênfase na preparação moral, cívica, física e travado o primeiro contato com a doutrina americana. A instrução de tiro e manejo do armamento, as medidas burocráticas de declaração de herdeiros e fichas de desconto foram ultimadas à medida que se aproximava o dia do embarque (PITALUGA, 1947).

A segunda fase ocorreu na Itália iniciando pelo 2º Pelotão que já se encontrava no teatro de operações.

Neste relatório aparecem duas fases de treinamento e entrada em ação correspondente ao 2º Pelotão que embarcou o 1º Escalão, e a outra fase ligada ao grosso do Esquadrão. Uma revisão do estado sanitário da Unidade, afastou 20% do efetivo. Esse claro foi preenchido, na véspera do embarque, por elementos do Depósito de Pessoal da F.E.B. O 2º Pelotão embarcou no dia 30/VI/1944, fazendo parte do 1º Escalão, no transporte americano - "Gen. Mann", tendo chegado a Nápoles no dia 16/VII/1944, dirigindo-se para Bagnoli, onde acampou. (PITALUGA, 1947).

O 2º Pelotão chegou à Europa no dia 16 de julho de 1944 e, dia 30, iniciou o recebimento dos materiais e intensificou a instrução de motorista e serviço de campanha. No dia 5 de agosto, esse pelotão isolado foi incorporado ao V Exército Americano, de onde passou a receber diretrizes específicas, incluindo carga horária de 10 horas de instrução por dia (PITALUGA, 1947).

O grosso do esquadrão chegou dia 6 de outubro de 1944 juntou-se ao 2º Pelotão somente no mês seguinte. Inicialmente, não havia possibilidade de emprego imediato devido às características do terreno, havendo demora na entrega das viaturas. Porém o Esquadrão recebeu ordem para acelerar o recebimento, tendo em vista o seu emprego imediato sem passar pela fase de readaptação e treinamento prevista (BASTOS, 2016).

As últimas viaturas e reconhecimento e transporte de rolamento misto foram entregues com 4 horas antes da partida do Esquadrão para a frente, recebidas da Companhia de Manutenção sem a devida revisão. Os morteiros 60 mm recebidos na véspera não foram utilizados em exercícios de tiro por absoluta carência de tempo, agravada a situação pelo fato de não ter ainda no Brasil, feito o emprego dessa arma, por falta de munição. (PITALUGA, 1947).

Dessa maneira, o Esquadrão foi dado como pronto para entrar em ação e estava sob comando do Cap Flávio Ferreira.

3.5 EMPREGO DO 1º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO

O emprego do esquadrão de reconhecimento pode ser dividido em duas fases. A primeira de 15 de setembro de 1944 a 20 de abril de 1945 e a segunda entre 14 de abril a 02 de maio de 1945 que resultou na perseguição e rendição da 148ª Divisão Alemã. (SAVIAN, 2017)

O Esqd agia de uma determinada maneira de acordo com a missão, inimigo e terreno. Na primeira fase, a missão era romper as linhas defensivas alemãs posicionadas nos Apeninos (Gótica e Gengis Khan), que resultou nas batalhas de Monte Castello e Montese (SAVIAN, 2017).

Da chegada à Itália até abril de 1945, ele foi empregado como tropa de Infantaria, isto é, foi, praticamente, transformado numa Companhia de Fuzileiros. Não havia espaços – naquela defensiva, no inverno – para que ele pudesse atuar nas suas missões típicas de reconhecimento e retomada do contato. [...] a partir de Montese – foi quando o Esquadrão passou a atuar conforme suas características, nas operações de Aproveitamento do Êxito e Perseguição. (PITALUGA, 1947).

Assim, percebe-se que no início do combate a Cavalaria não pode atuar de acordo com suas técnicas e táticas aprendidas, pois as rodovias e estradas estavam bloqueadas pela forte linha defensiva e as viaturas seriam alvos fáceis para a artilharia alemã (SAVIAN, 2017).

A natureza do terreno muito dificultou o emprego das patrulhas motomecanizadas e, nesta fase, diversas patrulhas foram realizadas a pé, exigindo dos homens grande esforço por não possuírem armas automáticas apropriadas para o combate a pé (RODRIGUES, 1993).

Essa primeira fase iniciou somente com o 2º Pelotão que veio junto com o 1º escalão da FEB, o restante só chegou depois. Esse pelotão atuou em reforço ao 6º Regimento de Infantaria com o objetivo de alcançar a linha balizada pelas cidades de Massarosa – Bozzano – Monte Communale – Il Monte – C. Castello (SAVIAN, 2017).

O grosso do esquadrão incorporou o 2º Pelotão na região do vale do Rio Reno, onde desempenharam a função defensiva que se estendia do rio Reno, a leste, até a linha Porretta Terme – Monte Belvedere, a oeste. No vale do Rio Reno, forças brasileiras substituíram a 1ª Divisão Blindada do EUA.

A ordem particular número 11, do G2, prescrevia a seguinte missão:
“Deslocar-se para a região de GaggioMontano (550169) substituindo a tropa II/370 (americana) na zona de ação que lhe foi designada devendo”:

- a) Esforçar-se para manter a região
 - b) Vigiar as direções de acesso que venham ter a sua zona de ação, em particular as de Gaba (536152), Torracia (546173) e Morandela (547178). 20
 - c) Inicialmente ligar-se
Ao II/370 em Borarelle;
Ao T. F. (Btl. 435) em Cantra;
Ao II/1º (Cel. Del Camino).
 - d) Informar diariamente as seis, doze e dezoito horas.
- III) Meios, Esquadrão de Reconhecimento
Artilharia (fogos a pedido)
(PITALUGA, 1947).

Nessa operação, os blindados não foram levados inicialmente devido à grande probabilidade de serem batidos por fogos. O esquadrão teve seu primeiro contato com os alemães durante uma patrulha nas encostas de Morandela em 18 de novembro (BASTOS, 2016).

Nesta região, o Esquadrão desempenhou diversas funções como foi ensinado pela doutrina americana. Realizou operações de reconhecimento, segurança, vigilância e aproveitamento do êxito. Como forma de caracterizar o aprendizado, podemos destacar a ação realizada de aproveitamento do êxito pelo Esqd em aproveitamento do II Grupo Blindado da brigada americana (BASTOS, 2016).

É importante ressaltar a questão dos efetivos reduzidos, que dificultou o cumprimento de missões, tendo em vista a larga frente que a tropa foi empregada e as atribuições logísticas diárias como o remuniciamento e reabastecimento. A frente considerável para um efetivo pequeno, pois os Pelotões ficaram reduzidos a 20 homens, impõe grande trabalho principalmente na parte de reabastecimento e remuniciamento (PITALUGA,1947).

Em novembro e dezembro, a 1ª DIE sofreu quatro derrotas quando buscava conquistar o Monte Castello. O Esquadrão teve função de destaque na terceira operação onde desempenhou função de força de cobertura em proteção ao flanco direito do Grupamento de Ataque (SAVIAN, 2017).

Manoel Thomaz Castello Branco, oficial de comunicações do 1º RI, aponta como causas dos reveses a realização de reconhecimentos incompletos, o terreno íngreme propício a ações defensivas, e o deficiente apoio de carros de combate, artilharia e aviação (SAVIAN, 2017).

Os reconhecimentos foram incompletos pela falta de efetivo e capacidade pequena de somente um esquadrão para ajudar em todas as frentes da manobra. De acordo com Pitaluga, apenas um esquadrão de reconhecimento não satisfaz as necessidades de uma grande Unidade. Os trabalhos de busca de informações e de cobertura exigidos por uma Divisão não podem ser feitos por um Esquadrão, tendo em vista, na ofensiva, a necessidade premente de não se espalhar os pelotões e as patrulhas, por missões e direções diferentes.

Após essas derrotas, houve um período de estacionamento na chamada de Defensiva de Inverno e foi marcado pela troca de comando do Esquadrão. No dia 29 de dezembro de 1944, o Capitão Flávio Franco Ferreira, comandante do Esquadrão de Reconhecimento, é evacuado para o Brasil por motivos de saúde. A partir de então, seu Subcomandante Plínio Pitaluga assume o comando e é promovido ao posto de Capitão (PITALUGA, 1947).

A próxima grande operação foi romper o sistema defensivo alemão a Linha Gengis Khan. Dentro do teatro de operações, a FEB incorporava o XV Grupo de Exércitos e participou do plano Encore (fevereiro e março de 1945). É importante lembrar que as tropas estavam inseridas em um contexto de campanha de alta envergadura, organizada pelo comando aliado (SAVIAN, 2017).

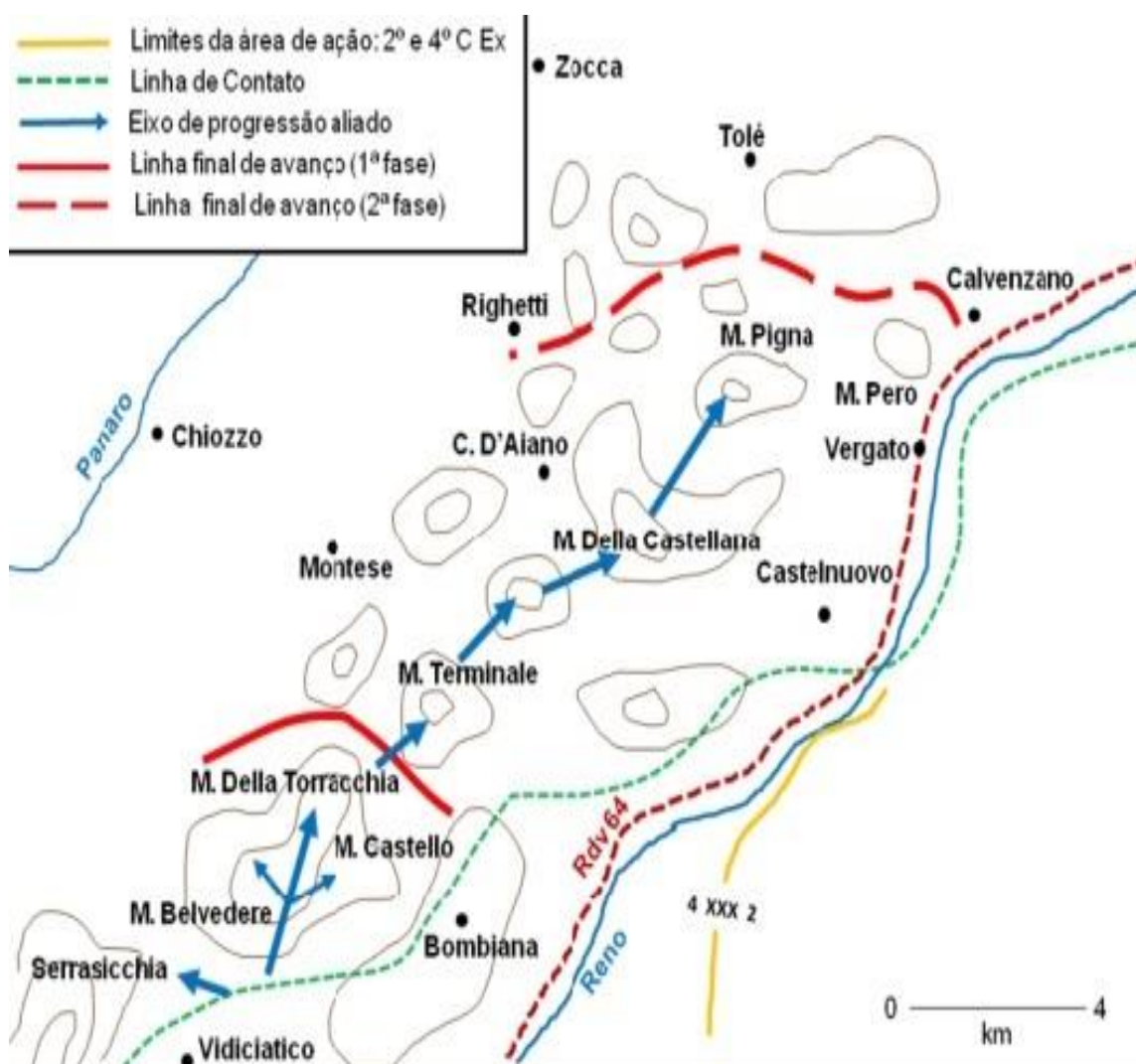
Figura 6 - Organização do V Exército - Comandado pelo Gen Mark Clark

V Exército (USA)	4º Corpo de Exército (USA) Willis Crittenger	6ª Divisão Blindada (ZAF)
		1ª Divisão Blindada (USA)
		Força Tarefa 45 (USA)
		Destacamento FER (setembro de 1944) / – 1ª DIE como um todo (novembro de 1944)
Mark Clark	2º Corpo de Exército (USA) Geoffrey Keyes	34ª Divisão de Infantaria (USA)
		88ª Divisão de Infantaria (USA)
		91ª Divisão de Infantaria (USA)
		85ª Divisão de Infantaria (USA)
Mark Clark	13º Corpo de Exército (GBR) Sidney Kirkman	6ª Divisão Blindada (GBR)
		1ª Divisão de Infantaria (GBR)
		8ª Divisão de Infantaria (IND)
		1ª Brigada Blindada (CAN)

Fonte: <https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488391055-ARQUIVO-ArtigoElonirJoseSavian.pdf>

De acordo com o Plano Encore, a 1ª DIE tinha como objetivo conquistar Monte Castello e o esquadrão ficou com a missão de atuar como reserva da Divisão em condições de ser empregado quer no eixo da estrada 64 ou quer no eixo de Sila a GaggioMontano. No ataque a Monte Castello, coube ao Esquadrão ficar em reserva, em Porreta Terme, de modo a ser impulsionado quer ao longo da estrada nº 64 quer na de Silla-Gaggio Montano (SAVIAN, 2017).

Figura 7 – Eixo de progressão aliado



Fonte: BRANCO, 1960. Adaptado por Elonir José Savian

Na 1ª fase da ofensiva, o esquadrão deslocou-se para Vidiciatico e, posteriormente, para Serrasicchia, onde executou escalada até alcançar a 10ª Divisão de Infantaria de Montanha Americana, que já ocupava a posição. Segundo Pitaluga, coube ao Esquadrão o flanco do sub quarteirão – Serracicchia, as tropas da 10ª Divisão de Montanha Americana já ocupavam as posições (SAVIAN, 2017).

Essa nova posição garantiria melhores condições para iniciar o ataque, buscando conquistar Monte Castello, enquanto os norte-americanos lançavam-se sobre o Monte Della Torracchia.

O terreno acidentado italiano fez com que o Esquadrão ficasse dispersado em diferentes áreas. Nessa operação, em seu relatório, Pitaluga destaca alguns aspectos

importantes: patrulhamento; suprimentos; substituição; instrução; e perda de Oficial. Os mesmos são detalhados a seguir (BASTOS, 2016).

As patrulhas eram realizadas principalmente à noite e tinham baixo rendimento devido à neve e a falta de material apropriado;

Havia grande dificuldade no ressuprimento, que era feito através de muares que iam até pontos intermediários, onde ia ser buscado para ser levado até as posições. A falta de água era suprida através de recursos locais, como a neve. Como consequência disto, ocorreram a perda de materiais como munição, ração, mantas, fardamentos, muares e duas metralhadoras que caíam pelos abismos;

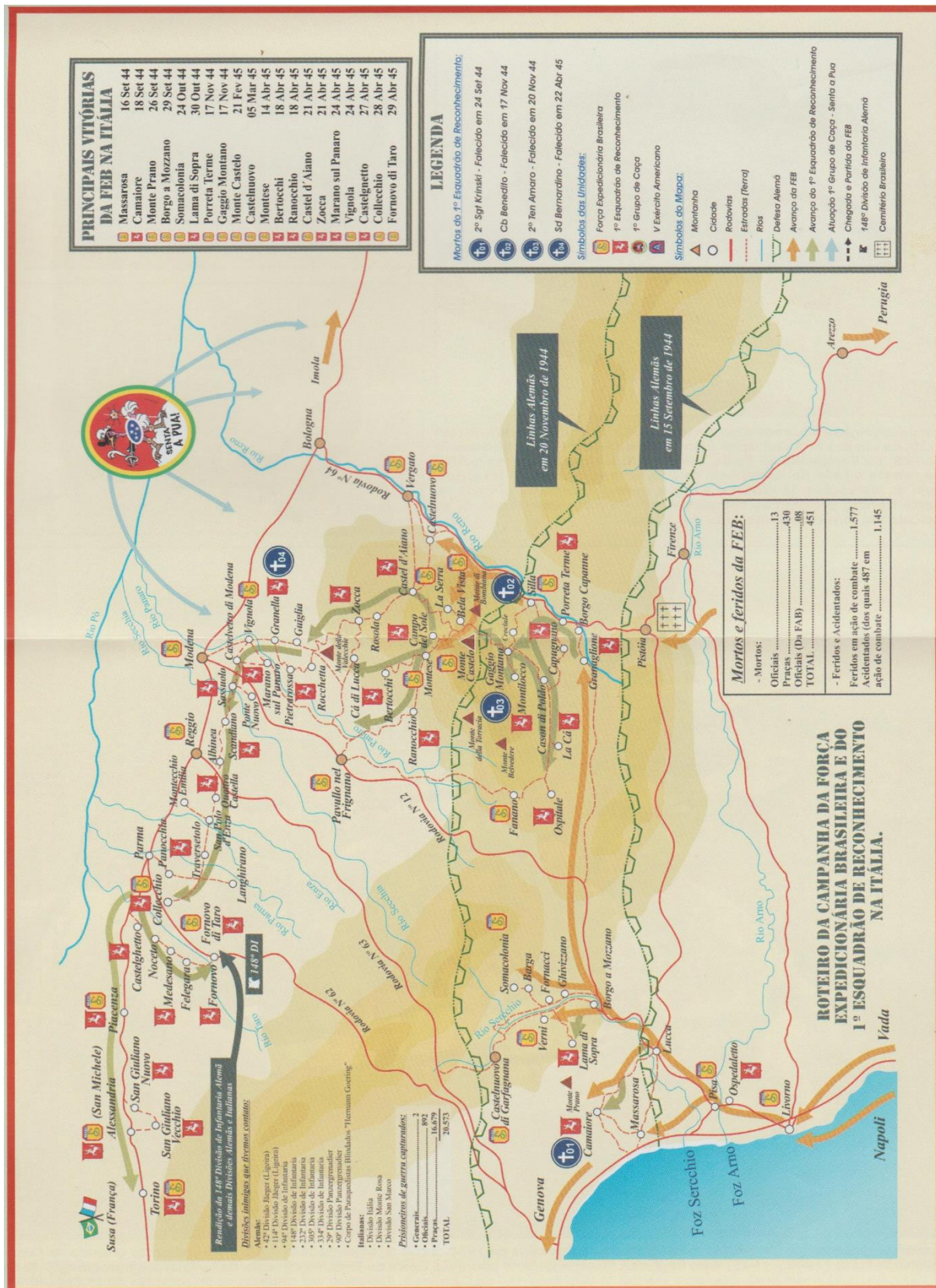
No dia 22 de março de 1945, houve a substituição pelo Cia de Canhões Anti- Carro (C.C.A.C) do 6º RI e o Esquadrão estabeleceu pontos de vigilância em Poggio Forato e Madona del Acero para realizar a ligação com Task Force 45 e patrulhamento do vale do Dardagno;

Visando a Ofensiva da Primavera, em 23 de março de 1945, foi organizado um programa de instruções que tinha por finalidade melhorar a instrução, no que diz respeito às ações ofensivas, e desenvolver a resistência física da tropa;

No dia 02 de Abril de 1945, o cadáver do 2º Tenente R/2 Amaro Felicíssimo da Silveira, desaparecido quando comandava uma patrulha na região de Montiloco (20 de Novembro de 1944), foi encontrado já enterrado;

Já na 2ª fase da ofensiva, as tropas brasileiras apoiaram a progressão da 10ª Div Mth em direção à linha Righetti a Calvezano. Nesse esforço, realizaram a “limpeza” do vale do Marano e a conquista de Castelnuovo (BASTOS, 2016).

Figura 8 – Roteiro da FEB e do 1º Esquadrão de Reconhecimento



Fonte: Museu Plinio Pitaluga

3.6 OFENSIVA DA PRIMAVERA

Com a vitória em Monte Castelo em fevereiro de 1945, a FEB rompeu uma das mais difíceis posições defensivas da Linha Gótica. Já em abril, foi empregada na Batalha de Montese, uma das batalhas mais sangrentas das Forças Armadas Brasileiras por causa da topografia que favorecia os alemães, que ocupavam posições dominantes, e devido à forte resistência alemã, provinda da importância estratégica da área (SAVIAN, 2017).

A atuação do Brasil em Montese foi muito enaltecida pelo comando militar aliado, a ponto do General Crittenger, comandante do IV Corpo-de-Exército Norte-Americano, falar o seguinte: “na jornada de ontem, 14 de abril, só os brasileiros mereceram as minhas irrestritas congratulações; com o brilho do seu feito e seu espírito ofensivo, a Divisão Brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade (RODRIGUES, 2016).

Após a vitória em Montese, a cavalaria brasileira foi empregada no aproveitamento do êxito que acabou culminando com a rendição da Divisão alemã e o fim das operações.

Numa das mais fantásticas operações do Esquadrão com o blindado M-8, na Ofensiva da Primavera, os cavalarianos perseguiram o inimigo entre os dias 14 e 17 de abril de 1945.

Nesses dias, o esquadrão de reconhecimento cumpriu missões de reconhecimento nas saídas de Montese e no levantamento de áreas minadas. Nos reconhecimentos, Pitaluga ordenava que suas viaturas se deslocassem a altas velocidade entre 70 e 80 km/h e dispersas uma das outras ao contrário do que o manual americano previa. Essa medida tinha o objetivo de dificultar a precisão dos ataques inimigos salvando, assim, a vida de seus homens. Como prova da eficiência, pode-se ressaltar que houve somente três baixas durante um ano de batalha (SAVIAN, 2017).

De acordo com Pitaluga, um carro de reconhecimento M-8 foi inutilizado pelo funcionamento de uma “teller-mine” (mina antitanque alemã) durante um reconhecimento. Mesmo diante de todas as adversidades e sob muitos fogos, o Esquadrão manteve os reconhecimentos até as margens do Panaro (SAVIAN, 2017).

Após as ações de reconhecimento, foi constatado que não houve forte oposição inimiga, então a ordem de movimento prosseguiu sem maiores interrupções.

O 2º Pelotão deu diversos golpes de sonda e pelas informações colhidas, a zona achava-se completamente limpa de inimigo organizado. Às 10 horas as vanguardas atingiram Sossuolo – Ponte Nuovo e entrou em ligação com elementos do Esquadrão de Reconhecimento da 34 D.I. americana. (PITALUGA, 1947).

3.6.1 Ação em Collecchio-Fornovo

No dia 26 de abril, o Esquadrão partiu rapidamente para Collecchio com a missão de guardar as passagens existentes no Rio Taro. O 3º Pelotão seguia na vanguarda prosseguindo pelo eixo: Proporano – Gaione - S. Martino (BASTOS, 2016).

Ao chegar no local, foram recebidos por uma forte resistência inimiga com fogos amarrados de armas automáticas e carros de reconhecimento inimigo. Conforme diz o Major Celso Leite Rodrigues em 1993, o Comandante do Esquadrão então resolveu, manter o 1º pelotão em reserva, o 2º tentou desbordar o inimigo pelo flanco que foi repellido por ataques de blindados e o 3º se engajou decisivamente com o inimigo, perdendo sua capacidade de mobilidade no combate (BASTOS, 2016).

Elementos do 11º RI e uma Companhia do 6º RI chegaram à localidade no dia seguinte e auxiliaram na tomada da localidade de Collecchio. Essa rápida ação visou a impedir a fuga dos alemães em direção a Parma. A fuga lhes permitia ultrapassarem o rio Pó e seguir em direção a posições defensivas de Verona e Milão.

Após a conquista do núcleo de resistência em Collecchio, foi dada uma nova missão:

Remanescentes inimigos, batidos em Collecchio, retiram-se apressadamente pelo eixo Fornovo Noceto. Deveis interromper missão e lançar-se imeditamente sobre o eixo Castelguelfo- Noceto- Fornovo, de maneira a exterminar o inimigo que, desordenado, retira-se na direção da via Emília (BASTOS, 2016).

A missão de perseguição foi um sucesso e o esquadrão alcançou as alturas de Felegara. O Esquadrão sofreu as seguintes baixas: 1 soldado ferido e 1 viatura incendiada por um tiro de lança rojão na entrada de Felegara. Em Felegara, recebeu a seguinte ordem: “Retomar a progressão para ocupar Croceta e entrar em ligação com o 6º RI em Fornovo; lançar elementos de captura de prisioneiros sobre Varano e estrada que passa por Rubiano” (PITALUGA, 1947).

As tropas alemães cansadas de serem exaustivamente bombardeadas e sem chance de romper contato para continuar seu retraimento, decidiram, então, no dia 28 de abril, iniciar as conversações sobre a rendição da 148ª Divisão Alemã e remanescentes da Divisão Itália.

“A noite de 28 para 29, transcorreu sem qualquer alteração e na manhã de 29 às 10 horas, quando o Esqd se preparava para continuar a missão, foi procurado por um Coronel alemão, acompanhado de um Capitão para entrar em entendimento sobre a suspensão da luta naquele setor. Encaminhados os parlamentares ao P.C. do III/6º R.I., em Collecchio, entendimentos já estavam se realizando para a rendição da 148ª Divisão Alemã e os remanescentes da Divisão Itália.” (PITALUGA, 1947).

Figura 9 - Rendição da 148ª Divisão Alemã



Fonte: <https://chicomiranda.wordpress.com/2011/10/19/detalhes-historicos-rendicao-da-48%C2%AA-divisao-alema-a-feb/>

No dia 30 de abril, Pitaluga foi chamado no Quartel General em Montecchio a fim de receber nova missão. Fazer a vanguarda de um destacamento, composto do III/11º R.I., de uma Companhia de Engenharia, com a missão de ocupar Alessandria, entrar em ligação com a 92ª D.I. (americana) e lançar reconhecimentos em direção de Torino (PITALUGA, 1947).

No dia 03 de maio, uma patrulha comandada pelo Comandante do Esquadrão alcançou a localidade de Casulo onde entrou em entendimento com um general alemão sobre o fim da guerra.

3.7 FIM DA GUERRA

A última missão do Esquadrão foi manter a segurança do cabo estadual terminal em S. Giuliano Nuovo e da ponte sobre o rio Pó, ao norte de Piacenza. Os preparativos para o retorno ao Brasil foram realizados durante a permanência nessa zona. Foi feita a manutenção da carga e das viaturas e, posteriormente, as viaturas de reconhecimentos M-8 foram entregues de volta aos EUA (BASTOS, 2016).

O regresso do Esquadrão ocorreu igual a ida em duas levas. O 2º pelotão chegou no Brasil dia 18 de Julho e o grosso do Esquadrão em 04 de Agosto. Em 11 de Agosto, o licenciamento foi concluído na Escola Militar de Realengo (BASTOS, 2016).

4 REFERENCIAL METODOLÓGICO E PROCEDIMENTOS

4.1 TIPO DE PESQUISA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e histórica para verificar a importância da atuação do Esquadrão de Reconhecimento na II GM. Após isso, foi relacionado o emprego da Cavalaria com a doutrina atual da Cavalaria Brasileira.

4.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A história da Segunda Guerra Mundial é muito ampla e abrangente. Assim, ressalta-se a importância dos procedimentos da pesquisa que irá fasear a guerra. As fases foram: a preparação das tropas brasileiras até o seu embarque; a entrada efetivamente da FEB na guerra; as dificuldades preliminares encontradas; e as principais operações do Esquadrão até o fim das operações.

Foi identificada a pouca quantidade de fonte de consulta e, de maneira geral, foram encontradas apenas passagens sobre a FEB como um todo, no contexto da 2ª Guerra Mundial. A maior parte de informações foi encontrada através de exemplares da época e do relatório confeccionado pelo General Plínio Pitaluga após a guerra.

Os documentos foram reunidos e analisados, com enfoque na atuação do Esquadrão de Reconhecimento sob o comando do Capitão Pitaluga. A seguir, foram analisados os manuais de emprego do Esqd C Mec. Por fim, chegar-se-á à conclusão sobre quais os ensinamentos colhidos na FEB que tiveram reflexos na doutrina, tudo referente ao Esqd C Mec.

5 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

O M-8 teve seu batismo de fogo na Itália em 1943. Ele compunha as viaturas do 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado e foi muito importante para a evolução dos blindados brasileiros. Dessa maneira, pôde-se ter um primeiro contato com viaturas de combate além de contribuir para o desenvolvimento bélico do Brasil.

A Engesa foi uma empresa criada focada no setor bélico e teve os carros Cascavéis e Urutus como principais viaturas já produzidas. De acordo com a Engesa, as experiências com a manutenção do veículo M-8 Greyhound foram passadas para eles e assim, desenvolveram as primeiras viaturas blindadas com tecnologia nacional tomando por base o M-8 (BASTOS, 2016).

Outro fator importante é a experiência vivenciada pelos militares do 1º Esquadrão de Reconhecimento. Ela foi muito positiva e elogiada pelo alto escalão do Exército aliado. Uma atuação que representou muito bem o Exército Brasileiro e principalmente a Cavalaria. Pôde-se perceber a garra, confiança e iniciativa de nossas tropas que eram diferentes das outras tropas. Além de ter uma vivência onde podemos aprender com os erros e ratificar o que deu certo.

Foram encontradas diversas dificuldades no teatro de operações. O esquadrão foi dividido em duas levas para a Europa e isso atrapalharam as instruções que não foram muito bem coordenadas. A questão sanitária também foi importante pois soldados preparados e já treinados não puderam ir para a guerra, devido a problemas de saúde. Assim, esse efetivo foi substituído por outro que não tinha sido capacitado para funções específicas como motorista, eletricista, entre outros.

Na constituição das tropas da FEB, o escalão superior só introduziu apenas um Esquadrão de Reconhecimento. O emprego de somente um Esquadrão não foi suficiente para cumprir todas as necessidades de uma Divisão inteira. Na Itália, quando se precisou da ação de uma tropa de maior mobilidade, ressaltou-se a impossibilidade de desdobrar o esquadrão para atender aos imperativos táticos (segurança afastada e busca de informações) das diversas Unidades (PITALUGA, 1947).

Pitaluga conclui, então, que o mais acertado para apoiar uma Divisão é criar uma Ala constituída de dois esquadrões, com pequenas modificações no pessoal, armamento e servidos por um pelotão de Comando e uma seção de Trens de Combate.

Observou-se, também, que, muitas vezes, o Esquadrão foi lançado a pé no terreno como tropa de infantaria. Assim, Pitaluga sugeriu a substituição de pelo menos uma das metralhadoras .30 por um fuzil metralhador, que muito aliviaria o peso nas patrulhas a pé.

Foi constatado também que o morteiro foi muito pouco utilizado, devido ao número reduzido do Pelotão e pela falta de militares especializados. Várias vezes o morteiro 60 mm deixou de ser empregado por falta de atirador e municionador, aproveitados como esclarecedores” (PITALUGA, 1947).

O 2º Sgt Hélio Caravél, da Seção de Manutenção, era subordinado ao Esquadrão de Reconhecimento, afirmou que não dispunha de uma viatura socorro. Ele teve que empregar diversas vezes um M-8 para rebocar outras viaturas. Ocasionalmente ocasionou um descontentamento do seu Comandante que impedia um melhor aproveitamento do veículo para ajudar na logística de outra viatura.

A principal viatura blindada empregada foi o M-8. Segundo o Sgt Hélio, foram observados aspectos positivos e oportunidades de melhoria sobre esse veículo.

As vantagens do M-8 são: possui motor de grande potência. A blindagem protege a tripulação contra os tiros das armas automáticas. O aparelho de rádio de que é dotado o carro, não deixou dúvidas. Devido ao perfeito funcionamento, tanto nas transmissões, como nas recepções [...] As desvantagens. O M-8 muito pesado, largo e comprido, tem-se dificuldade em manobrá-lo em terreno mole, estradas estreitas e curvas de estrada, quando estas são muito fechadas. A torre giratória, no seu giro horizontal é muito demorada, por vezes, podia por em jogo a sorte do blindado. (CARAVÉL, 1947).

Por último, ressalta-se o armamento individual que era de pouca eficiência, além de não ter uma cadência de tiro aceitável. De acordo com o 1º Sargento Luiz Francisco de Pádua, o armamento individual deveria ser todo automático, como a Carabina, o Garand e o Thompson, porém, esse último é de pouca eficiência.

6 CONCLUSÃO

A pesquisa teve por objetivo verificar a atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento sob comando do Capitão Plínio Pitaluga e destacar pontos fortes e oportunidades de melhoria e inovação oriundas da experiência em combate na Segunda Guerra Mundial.

Assim, buscou-se estudar desde os antecedentes até o embarque de volta para o Brasil, estudando tudo o que foi feito e o que deixou de ser feito. Também pesquisou-se a criação, preparação do Esquadrão de Reconhecimento e a sua subordinação até nível Exército, destacada na figura 6.

Inicialmente, foram apresentados as alianças que havia na época, a imparcialidade inicial do Brasil, o estopim da guerra e os motivos que levaram o Brasil a criar uma força para combater na Europa.

Após a contextualização da pesquisa, desenvolveu-se uma análise da criação e preparação do esquadrão. A questão do adestramento da tropa foi muito difícil devido uma parcela das instruções serem feitas no Brasil e o restante na Itália e a falta de meios. Ressalta-se ainda a necessidade do esquadrão se dividir tendo em vista que o 2º Pelotão embarcou na primeira leva para a Itália. Logo, destaca-se muito mais a parte da iniciativa, bravura e ímpeto dos militares do que propriamente a instrução que foram passadas.

O resultado encontrado trouxe à tona a grande dificuldade de selecionar o pessoal para a guerra. Além disso, um outro problema foi a inutilização de armamentos, viaturas e meios rádio devido à falta de profissional especializado. Pois, os militares que haviam sido instruídos para isso foram substituídos dias antes do embarque devido a problemas de saúde.

Em seguida, foi estudado o emprego do 1º Esquadrão em combate, desde os reconhecimentos iniciais a pé, devido à particularidade da região, até o retorno ao Brasil. Dentre todas as atuações, a Ofensiva da Primavera foi a que teve maior destaque, pois permitiu a rendição da 148ª Divisão alemã ao 1º Esquadrão de Reconhecimento comandado pelo insigne Capitão Plínio Pitaluga.

Baseado na atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento, é possível observar as mudanças que se desencadearam na Cavalaria. Observou-se que o emprego do M-8 Greyhound foi fundamental devido a suas características de potência de fogo e ação de choque. A fim de aprimorar a capacidade operacional do Pelotão Mecanizado, o M-8 foi substituído pela viatura EE-11 Cascavel. De acordo com o manual Pelotão Cavalaria Mecanizado, a seção dessa viatura são os elementos de choque do Pel e estão aptos a realizar ações de reconhecimento, de

segurança, de defesa e de ataque. Assim, eles cumprem todas as mais diversas missões com muito mais potência de fogo e segurança para sua guarnição (BASTOS, 2016).

Outra medida adotada foi o morteiro 81 mm ao invés do 60 mm, foi verificado que o morteiro 60 mm era insuficiente e foi pouco utilizado devido à falta de pessoal especializado. Além disso, houve também a aquisição de fuzis automático leves 7,62mm, pois o Cap Pitaluga sentiu dificuldade na mobilidade do pelotão, quando desembarcado, devido ao elevado peso dos armamentos individuais (BASTOS, 2016).

Com a chegada dos novos armamentos e viaturas as organizações militares tiveram que se reestruturar. Entre outras mudanças, destacam-se até os nomes das Unidades que foram alteradas devido a essa nova evolução das tropas mecanizadas.

Assim, viu-se que foi importante a participação de uma tropa de cavalaria realizando ações tipicamente de cavalaria na maior parte do tempo. Desse modo, possibilitou um relatório feito pelo Comandante do Esquadrão e posteriormente, foi analisado e gerou diversas mudanças para evolução da doutrina.

Conclui-se que a atuação do Esquadrão de Reconhecimento trouxe reflexos para a doutrina da cavalaria, confirmando a hipótese da pesquisa. Assim, é possível observar que as experiências colhidas da guerra formaram a base e foram o embrião para o desenvolvimento da doutrina brasileira.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de. **Força Expedicionária Brasileira**. Disponível em: <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-tematico/forca-expedicionaria-brasileira-feb>. Acesso em 13 de maio de 2019.
- ANDRADE, Thiago Siqueira de. **Cavalaria brasileira na segunda Guerra Mundial: atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento da Força Expedicionária Brasileira e seus reflexos para a acavalaria brasileira**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Militares) – Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2011.
- BASTOS, Expedito Carlos Stepahni. **Ford M-8 Greyhound no Exército Brasileiro: Surge o conceito de Blindado**. Juiz de Fora, 2016. (Blindados do Brasil).
- BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado Luiz. **História da Política Exterior do Brasil**. 4. ed. Brasília: UNB, 2016.
- COGGIOLA, Osvaldo. **Segunda Guerra Mundial: Causas, Estrutura, Consequências**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2015. 100 p.
- LACERDA, Paulo Henrique Barbosa; SAVIAN, Eleonir José. **Introdução ao Estudo da História Militar Geral**. Resende; AMAN; 2015.
- LANDGRAF, Saulo Freire. **Atuação do Cap. Plínio Pitaluga em Collecchio-Fornovo e os ensinamentos colhidos**. 2015. Disponível em: <http://www.defesanet.com.br/doutrina/noticia/18224/Atuacao-do-Cap--Plinio-Pitaluga-em-Collecchio-Fornovo-e-os-ensinamentos-colhidos/>. Acesso em: 02 set. 2108.
- OLIVEIRA, Thiago Fernandes de. **Cavalaria Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Seleção de Pessoal e Atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado na Ofensiva da Primavera**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Militares) – Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2011.
- PITALUGA, Plínio. **Relatório do Esquadrão de Reconhecimento da FEB na Itália**. Portal Segunda Guerra, Rio de Janeiro, jun. 2008. Disponível em: <http://avidanofront.blogspot.com/2009/12/relatorio-do-esquadrao-de.html>. Acessado em: 31 ago 2018.
- PITALUGA, Plinio. **Carta do General Plinio Pitaluga de 18set.e.1996 ao Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil**. Rio de Janeiro, 1996.
- PITALUGA, Plínio. **Relatório do 1º Esquadrão de Reconhecimento/1ª Divisão de Infantaria da F.E.B.** [s.l.]. S.G.M.G. Gabinete Fotocartográfico, 1947.
- RODRIGUES, Celso Leite. **1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado – A tropa de cavalaria da FEB**. 1993. Monografia. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1993.

SALAFIA, Anderson Luiz. **Breve balanço da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial**. _____. Disponível em: <http://www.portalfeb.com.br/breve-balanco-da-participacao-brasileira-na-segunda-guerra-mundial/>. Acesso em 02 set. 2018.

SAVIAN, Elonir José. **A operação encore e a conquista de Monte Castelo: Análise da relevância das ações da força expedicionária no âmbito do XV grupo de exércitos aliados**. Disponível em: http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488391055_ARQUIVO_ArtigoElonirJoseSavian.pdf. Acesso em 13 de maio de 2019.

SILVA, Daniel Neves. **Invasão da Polônia e o início da Segunda Guerra Mundial**. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/invasao-polonia-inicio-segunda-guerra-mundial.htm>. Acesso em 13 de junho de 2019.

VITAL, Pedro Henrique Guimaraes de Oliveira. **Valente, atual 1º Esquadrão de Cavalaria Leve fez história na Itália na Segunda Guerra Mundial**. 2017. Disponível em <http://www.2de.eb.mil.br/index.php/ultimas-noticias/329-valente-atual-1-esquadrao-de-cavalaria-leve-fez-historia-na-italia-na-segunda-guerra-mundial>. Acesso em: 02 set. 2018.

_____, **Relatório dos sargentos do 1º Esquadrão de Reconhecimento(1944-1945) - Campanha da Itália**. Rio de Janeiro, 1945.

1ª DIVISÃO DE EXÉRCITO. **Histórico da 1ª DE**. Disponível em: <http://www.1de.eb.mil.br/historico>. Acesso em 13 de junho de 2019.